

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. AS I.A.s NO BACHARELADO EM JORNALISMO DA UESPI

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND THE TEACHING-LEARNING PROCESS. AIs IN UESPI'S BACHELOR'S DEGREE IN JOURNALISM

Orlando Maurício de Carvalho Berti¹

Resumo

Quais são as faces e as interfaces no processo do ensino e da aprendizagem nos bacharelados em Jornalismo frente às atuais questões da inteligência artificial, principalmente as generativas? Com base nesse questionamento, é feito um estudo de caso mostrando e refletindo, no espaço de dois anos (principalmente no pós-pandemia), sobre as questões das aplicações e das polêmicas sobre a inteligência artificial no ensino superior de Jornalismo. Reflete-se, destaca-se, demonstra-se e analisam-se esses papéis, no encontro de um estudo de campo da função docente, entendendo as funções e consequências discentes nesse processo, principalmente entre os anos de 2022, 2023 e 2024. O corpus é o Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – UESPI – campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, capital do estado do Piauí (Nordeste do Brasil). Falar e atuar sobre inteligência artificial têm uma série de percalços, sendo o principal deles, o receio, muitas vezes, de tentar compreender e aplicar o novo entremeio aos processos de mediações de ensino e se essas novidades realmente precisam ser encaradas de uma maneira frenética no processo.

Palavras-chave: comunicação; jornalismo; ensino de jornalismo; inteligência artificial generativa.

Abstract

What are the faces and interfaces in the teaching and learning process in bachelor's degrees in journalism considering current artificial intelligence issues, especially generative ones? Based on this question, a case study is conducted showing and reflecting, in the space of two years (mainly post-pandemic), the issues related to the applications and controversies about artificial intelligence in higher education in Journalism. These roles are reflected on, highlighted, demonstrated, and analyzed in a field study of the teaching role, understanding the roles and consequences for students in this process, especially between the years 2022, 2023 and 2024. The corpus is the bachelor's degree in journalism at the Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Poeta Torquato Neto campus, in Teresina, capital of the state of Piauí (Northeast Brazil). Talking about and working with artificial intelligence has several pitfalls, the main one being the fear of trying to understand and applying the new medium to the processes of teaching mediation and whether these novelties really need to be faced in a frenetic way in the process.

Keywords: communication; journalism; journalism teaching; generative artificial intelligence.

1 Introdução

Poucos assuntos têm gerado tanta atenção nos meios acadêmicos quanto o da inteligência artificial (I.A.) com suas respectivas consequências sociais. Principalmente no Mundo do Jornalismo, a I.A. (como também é conhecida e abreviada) tem mudado (e continuará transformando) nossas maneiras de portar, de mediar, de vivenciar e,

¹ Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela Universidade Metodista de São Paulo – UESP. Doutor em Comunicação Social pela UESP, com estágio doutoral na Universidad de Málaga (Espanha). Mestre em Comunicação Social pela UESP. Especialista em Comunicação Institucional pela UFPI – Universidade Federal do Piauí. Especialista em Docência Superior pela FSA – Faculdade Santo Agostinho. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo – pela UFPI. Professor, pesquisador, extensionista e diretor de Relações Internacionais da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

principalmente, de encarar os fatos contemporâneos. Por mais que rejeitemos o debate da temática e achemos que é desnecessário ou ineficaz, destaca-se que os sistemas de inteligência artificial já fazem parte, há tempos, de nossas vidas, principalmente de quem tem o mínimo de conexão eletrônica no dia a dia. A inteligência artificial desempregará pessoas e mudará as maneiras de se ensinar e de se aprender? Ela é mais uma moda advinda de tecnófilos e apaixonados por tecnologia achando que ela salvará o mundo? Ou terminará sendo a sabotadora de funções, do aprender, do viver e os robôs (e sistemas artificiais eletrônicos) dominarão o mundo, sob o ponto de vista de tecnófobos?

Esse debate é muito parecido com o ocorrido quando os primeiros computadores foram implementados nos ambientes redacionais, em substituição às máquinas de datilografia, ainda no século XX, e também com a chegada e a expansão do que foi proporcionado pela internet e sua utilização em grande escala, entre o final do século XX e início desse século. Outro ponto, já neste século XXI, com a implementação do Google e outras ferramentas congêneres de busca de resultados naquela mesma internet, substituindo as buscas analógicas, já tradicionais nas enciclopédias, ganhando vida e multiplicidade na tela de computadores. Tempos depois, nas telas dos *smartphones*, provando, cada vez mais, o que Marshall McLuhan (2012) destaca sobre os meios de comunicação serem extensões do corpo humano, em aparelhos que atualmente monitoram nossa vida, servem como contas bancárias, tratam sobre o que comemos e são verdadeiras redações ambulantes no campo jornalístico, proporcionando gravações em áudio e em vídeo, bem como decupagem e edição de textos, vídeos, áudios em imagem, em telas sensíveis ao toque, com tamanho máximo de uma agenda analógica. Temos a necessidade de compreender que a vida evoluiu (e permanece em evolução, assim como o girar constante do planeta), o trabalho, idem. Devemos estar preparados, se não para nos submetermos, para compreendermos seus lados positivos?

Este texto não é uma defesa sobre os sistemas de I.A. e, muito menos, uma crítica ao estilo da Escola de Frankfurt, mas uma perspectiva de debate no sentido de responder questionamentos, feitos quase que diariamente, pelo alunado e pela sociedade: como jornalistas que tentamos ser, é necessária uma mediação de prós e contras acerca dessas ferramentas no ensino e no aprendizado de Jornalismo? Em um consumo e mediações cada vez mais crescentes, principalmente impulsionados pelas sociabilidades em redes sociotécnicas, apresenta-se também este estudo, que culmina com o trabalho de dois anos acompanhando a temática no ensino e na pesquisa em jornalismo.

É tido como *corpus* o Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí — UESPI, localizado em Teresina, capital do estado do Piauí, no Nordeste do Brasil, no campus

Poeta Torquato Neto, do Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes — CCECA. Objetiva-se refletir, destacar, demonstrar e analisar as faces e interfaces do papel da inteligência artificial no ensino e aprendizagem de jornalismo, levando em conta o caso desse curso superior, que é o segundo mais antigo da área no estado do Piauí.

Para fins metodológicos, utilizam-se procedimentos advindos de um estudo de campo para melhor explicação e aprofundamento do fenômeno investigado, bem como, para isolá-lo, apresenta-se um estudo de caso. Utiliza-se também da técnica do diário de campo para anotar todas as faces e interfaces que se quer trazer. Os cenários do estudo foram os ambientes físico e virtual do Bacharelado em Jornalismo da UESPI, campus Poeta Torquato Neto, tendo-se como lugar os setores 4 e 6 do CCECA, bem como os ambientes do Google Class Room e do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UESPI, espaços virtuais fechados que promovem interações fora dos ambientes de sala de aula físicos.

O estudo tem uma temporalidade sistematizada em 30 meses, compreendendo o período de março de 2022 a setembro de 2024. Mesmo em períodos não letivos, como férias, recessos, feriados e períodos de planejamento letivo, foram vivenciados acompanhamentos fora do ambiente de ensino, acreditando que o aprendizado é constante.

Baliza-se o procedimento sobre as questões de campo nos ensinamentos de Clifford Geertz (1981) sobre a importância do estar perto dos objetos do estudo quando há a intenção de um esmiuçamento. O estudo de caso é balizado nos conceitos apresentados por Robert Yin (2014) e José Gomes Neto, Rodrigo Albuquerque e Renan Silva (2024) na importância de o fenômeno explicado ser cada vez mais socializado e provado.

Amplia-se os debates em mais outras cinco partes, sendo que se inicia com o capítulo a seguir, nominado “*A Inteligência Artificial e as transformações nas mediações contemporâneas*”, tratando sobre o debate teórico e histórico acerca dos sistemas de I.A., lembrando que eles não são uma novidade contemporânea, mas, principalmente com a ampliação dos sistemas de inteligência artificial generativa, ajudaram a popularizar e a transformar as maneiras de mediar-se informacionalmente.

Depois, ampliam-se os debates com o capítulo nominado “*O Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí – campus Poeta Torquato Neto*” enveredando-se pela apresentação do *lôcus* da pesquisa, que é o curso superior de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, campus Poeta Torquato Neto, em Teresina (capital do Piauí, Nordeste do Brasil). Assim, ampliam-se os debates sobre a conjuntura do ensino comunicacional naquele estado, já destacando suas diferenças — principalmente em termos de *status* frente a um ensino não regionalizado e, muitas vezes, mais preparado para as mídias

tradicionais que para o agora — em vez de ter um pensamento que convirja mais para os debates contemporâneos e as possibilidades de futuro.

Concomitantemente aos debates, haverá a terceira parte de nome “*O processo de ensino e de aprendizagem com a utilização de Inteligência Artificial no Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – faces e interfaces de um debate e práticas necessárias*” em que são apresentadas análises e consequências metodológicas do estudo, principalmente mostrando o que foram esses dois anos acompanhando e vivenciando os debates e empirias sobre inteligência artificial naquele curso superior. Esses momentos são seguidos de considerações e, também, da apresentação completa das referências utilizadas no estudo.

2 A inteligência artificial e as transformações nas mediações contemporâneas

Assuntos ligados às temáticas de inteligência artificial enquanto instrumento de midiaticização e de popularização dos conteúdos, chegando a um maior número de pessoas, são bem recentes. Mas os estudos dessa temática, tanto teóricos, quanto práticos, existem desde a primeira metade do século XX e nos últimos 80 anos têm desafiado o ser humano a tentar ensinar as máquinas a pensar como os humanos. Esse é o grande ponto utópico, que desafia a ética contemporânea dos limites da inteligência artificial e que merece, em todas as áreas, tanto disciplinarmente, quanto interdisciplinarmente e até transdisciplinarmente, um debate.

Orlando Berti (2023) apresenta essa polêmica justamente para o campo do jornalismo, mostrando que, sim, as inteligências artificiais já fazem parte da própria cotidianidade jornalística, como também do dia a dia da maior parte da população mundial que utiliza algum recurso eletrônico, seja ele *on-line* ou *offline*. Orlando Berti (2024) também enfatiza que em pouco tempo os sistemas de I.A. vivenciam uma evolução em uma rapidez com a qual logo conseguirão acompanhar os níveis humanos, comparados a níveis da própria expansão da internet e dos mecanismos digitais de mediação, sejam eles educacionais, jornalísticos, sociais etc. Fabia Ioscote (2021) destaca que a temática sobre inteligência artificial também é recente no Brasil, sendo que, principalmente no campo acadêmico, há uma preocupação recorrente em destacar perspectivas de avanços sobre a temática.

No ano de 2024 já é possível evidenciar vários pontos sobre essa perspectiva, principalmente via a chamada inteligência artificial generativa, que é aquela que aprende com a quantidade de perguntas e respostas feitas a ela. Ao contrário da algoritmização, que aprende padrões e nos oferece respostas sobre a padronização, como ocorre com o Google e outros sistemas de busca *on-line*, com a inteligência artificial generativa temos o aprendizado de

máquina, Toda vez que alguém pergunta algo ao sistema, ele termina calculando outros padrões e aumentando a forma e complexidade da resposta. Em 2024 já é possível encontrarmos sistemas que, com uma simples frase, já é capaz de compor vídeos completos, bem como alguns sistemas de I.A. que, com poucos segundos escutando uma voz, consegue padronizar seus tons, imitando-a em uma perfeição incrível.

Várias empresas, de vários países, têm feito uma guerra cibernética no sentido de conseguirem ferramentas para a apresentarem sistemas de I.A. mais potentes e com mais funcionalidades. Mas nenhuma delas revolucionou e popularizou as I.A.s como a OpenAI, empresa oriunda dos Estados Unidos, responsável pelo ChatGPT, um sistema que oferece, por meio de uma conversação, respostas, além de vídeos, áudios e sistemas de programação de computador que antes dele só era possível por sistemas muito complexos operados por bons entendedores da computação. Ele é apenas um dos populares sistemas de I.A., que, atualmente, concorre com o Bing, da Microsoft, e o Bard, do Google, só para citar os mais populares.

Camila Feiler (2023) argumenta que a inteligência artificial marca uma nova era e que seus sistemas transformam a interação, facilitando uma série de processos humanos. Ou seja, encontramos nessas reflexões uma defesa positiva sobre os sistemas. Flávia Oliveira (2024) amplia o debate, dizendo que as inteligências artificiais estão ligadas a diferentes tecnologias, sendo capazes de: ter percepção de funcionalidades de aquisição e processamento de imagens, sons e voz; compreenderem, com o processamento de linguagens naturais e mecanismos que entendam e analisem as informações; e agirem, por meio de tecnologias, adotando ações no mundo real, sendo grande exemplo disso os pilotos-automáticos já utilizados em larga escala no mundo da aviação, dos trens de alta velocidade e dos veículos mais modernos (e caros).

John Haugeland (1989) cita que a inteligência artificial se esforça para fazer computadores pensarem e as máquinas terem mentes, no sentido total e literal. Ele foi um dos autores que mais previram fatos, constatados mais de 30 anos depois, provando que muito do que já se pensava no meio do século XX, quando se provou, via sistemas de I.A., a oportunidade de, inclusive, abreviar a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) em pelo menos três anos via um sistema pioneiro de I.A. desenvolvido pelo matemático britânico Alan Turing nas décadas de 1940 e 1950. Ray Kurzweil (2007), também em uma opinião clássica, destaca que os sistemas de inteligência artificial exigem a arte de criar por parte das máquinas, mas sendo necessário a execução por parte dos humanos, provando que o humano ainda é muito importante nesse processo.

Leandro Kovacs (2022) enfatiza e explica que há três grandes tipos de inteligência artificial: a ANI (inteligência artificial estreita), a AGI (inteligência geral artificial) e a ASI (super inteligência artificial), sendo a primeira a mais comum e já popularizada, principalmente

por predizer funções, sendo um dos exemplos os atendimentos eletrônicos de bancos e aplicativos, que se caracterizam por uma evolução do aprendizado, chegando perto dos níveis da inteligência humana; enquanto o terceiro tipo, mais utópico, é a superação da inteligência humana, sendo capaz de avançar sobre os pensamentos humanos, ajudando em atividades que poderiam demorar dias e meses, além de serem complexas para um humano resolver.

Jean Prado (2023) diz que a inteligência artificial é dividida em duas partes: a simbólica e o connexionismo. A primeira é ligada às questões psicológicas. A segunda tem conexão com as redes neurais artificiais, vindo da neurofisiologia. Ambas, na contemporaneidade, têm papel de interesse nas próprias mediações. Outra diferenciação sobre os tipos de sistemas de inteligência artificial nos ambientes contemporâneos são os conceitos e práticas de I.A. Fraca e a I.A. Forte. A primeira também é conhecida por estreita e a segunda por superinteligência artificial. A inteligência artificial fraca é mais comum e mais histórica, enquanto a inteligência artificial forte tem sido o maior desafio e é o caminho buscado pelas empresas e responsável pela forte popularização dos sistemas de I.A., inclusive no campo do jornalismo. É o terceiro tipo, como destacado por Jean Prado (2023).

A IBM (2024) enfatiza que a inteligência artificial fraca, também conhecida por Narrow AI ou Artificial Narrow Intelligence (ANI), tem treinamento e concentração para executar tarefas específicas, caracterizando a maior parte das I.As. que contemporaneamente existem, sendo seus exemplos mais conhecidos: a Siri da Apple², a Alexa da Amazon³, o Watson da própria IBM⁴ (só para citar alguns exemplos mais notórios contemporaneamente) e os veículos autônomos, sendo os Teslas⁵ (carros autônomos e modais nesta terceira década do século XXI) os mais notórios e mais populares.

A mesma IBM (2024) também enfatiza que a I.A. Forte, também conhecida por inteligência artificial Geral (do inglês *Artificial General Intelligence*), tenta ter a inteligência igual (e até superior) a dos seres humanos (oficialmente ainda não alcançada pelas máquinas), com consciência e autoconhecimento capaz de resolver problemas, aprender e planejar, inclusive para o futuro, tendo também como meta superar a inteligência humana, com sua capacidade cerebral. A IBM (2024) destaca que a I.A. forte ainda é uma predição teórica, mas não significa que pesquisadores não estejam tentando explorar seu desenvolvimento. Essas ações instigam, inclusive, uma gama gigantesca de investimentos em centros universitários e centros de pesquisa corporativos, principalmente no Hemisfério Norte.

² <https://www.apple.com/br/siri/>

³ <https://www.amazon.com.br/b?ie=UTF8&node=19949683011>

⁴ <https://abre.ai/jlnQ>

⁵ <https://www.tesla.com/>

A inteligência artificial generativa são modelos de *deep learning* (aprendizado de máquina) que têm capacidade de obtenção de dados brutos, gerando uma evolução, que alguns cientistas da computação chamam de “aprendizado”, ocasionando resultados estatisticamente de grande probabilidade sobre o que é pedido à máquina.

A IBM (2024) destaca que os modelos generativos são utilizados desde o século XX para análises estatísticas de dados numéricos, mas foi a partir da segunda década deste século que ganharam popularidade, principalmente para suas evoluções nos modelos VAE, que são *autoconders* variacionais. Trocando em miúdos, tem um poder muito maior de processamento, de predição de respostas, aproximando-se, cada vez mais, ao humano, ou seja, a inteligência artificial profunda.

A própria IBM (2024) reflete que com o avanço dos modelos VAE na inteligência artificial será acelerada, de maneira muito mais rápida, a automação eficiente, bem como ampliação de respostas para situações antes não previstas. Com a mesma experiência em investir nos primeiros experimentos sobre inteligência artificial para fins comerciais e não militares, a IBM (2024) apresenta perspectivas para esta década do século XXI no sentido de aplicações sobre a inteligência artificial, principalmente em suas possibilidades profundas e de alto poder de utilização da *deep learning*.

A popularização dos sistemas de inteligência artificial, principalmente nesta terceira década do século XXI, tem levado a uma série de funções e perspectivas, uma delas, sem dúvidas, é no próprio processo educacional e, também, consequente a tudo isso, no próprio processo de aprendizagem. A universidade está preparada para tantas movimentações? As instituições de ensino superior brasileiras estão a par de todas as perspectivas sobre os sistemas de inteligência artificial? Nossas metodologias se casam com essas perspectivas?

José Marques de Melo (2018) destacava que o jornalismo precisa, entre suas próprias perspectivas retrospectivas de fenômenos de estudo, também partir para fenômenos prospectivos. É isso que se tenta fazer ao trazer as questões dos debates e ações sobre o uso de inteligência artificial no ensino e aprendizagem de jornalismo.

Francilene Silva, Rita Paulino e Jorge Ijuim (2024) enfatizam que os profissionais do jornalismo, humanos, têm a manutenção de um papel de protagonismo social, notadamente na intermediação da realidade entre os múltiplos públicos, mesmo havendo uma propensão de máquinas (via sistemas de inteligência artificial) cada vez mais com papel comunicador e mediador de fatos.

3 O bacharelado em jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Campus Poeta Torquato Neto

O Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí – era, até o primeiro semestre de 2024, segundo o E-MEC (2024), uma das três instituições do estado, a oferecer este curso de maneira presencial. Além da UESPI, há no Piauí os bacharelados em Jornalismo: na Universidade Federal do Piauí – UFPI (pública, que funciona em Teresina, capital do estado, e é a mais antiga do estado, já tendo formado mais de 50 turmas, contando com mais de 250 alunos); e o da Faculdade Raimundo Sá (R. Sá) (privada, que funciona na cidade de Picos, a 307 quilômetros da capital, existindo desde 2006, já tendo formado mais de dez turmas e contando com quase uma centena de estudantes).

O E-MEC (2024) informa que outras 15 instituições⁶ estão autorizadas a funcionar no Piauí de maneira à distância oferecendo bacharelado em jornalismo. Esses cursos são ofertados em polos sediados nas dez maiores cidades do estado e não têm números fixos de turmas, nem de alunos, funcionando sob demanda, já que uma única pessoa pode cursar por polo e não, necessariamente, há uma continuação de turmas, como no caso dos cursos presenciais.

O curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí funciona em dois campi, com coordenações e direções diferentes: um na capital, Teresina (campus Poeta Torquato Neto, sob administração do Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes — CCECA), que existe desde 2001 e já formou 17 turmas e é o *locus* de estudo deste artigo; e outro no campus Professor Barros Araújo, na cidade de Picos (Sertão do Piauí – a 307 quilômetros da capital) que já formou 15 turmas e funciona desde 2002. Esses dois cursos da UESPI são de acesso público, sem cobranças de mensalidades. O campus da capital (Teresina) funciona em horário diurno (com turmas matutinas e vespertinas) e aos sábados, oferecendo 45 vagas anuais, em entrada única no primeiro semestre letivo de cada ano. O campus do interior oferece 40 vagas anuais, em período integral (funcionando em dias da semana pela manhã e pela tarde), também em entrada única no primeiro semestre letivo. Em ambos os cursos há um recebimento massivo de estudantes do interior do Piauí (que tem 224 municípios) e também de regiões do Oeste do Maranhão (que têm grande influência de Teresina) e ainda do Sertão dos estados do Ceará e de Pernambuco.

Até 2016 era oferecido na UESPI o Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e em Relações Públicas (em 11 períodos, ou seja, cinco anos e meio de curso).

⁶ Universidade Estácio de Sá; Universidade Cruzeiro do Sul; Centro Universitário Anhanguera – Pitágoras; Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera; Universidade Paulista; Faculdade Estácio de Teresina; Universidade Cesumar; Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto; Centro Universitário Internacional; Centro Universitário Estácio de Santa Catarina; Centro Universitário INTA; Centro Universitário Maurício de Nassau; Centro Universitário ETEP; Faculdade Católica Paulista; Centro Universitário Leonardo da Vinci.

Depois das Novas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação (2024) passou a ser chamado de Bacharelado em Jornalismo.

Segundo a UESPI (2023), o projeto pedagógico é implementado em março de 2017, oferecendo 39 disciplinas⁷: 37 eletivas e duas optativas. Também, segundo seu Novo Projeto Pedagógico (2023), o curso tenta responder demandas surgidas no século XXI, principalmente na implicância e mudanças do ensino e exercício das atividades jornalísticas, com repercussões nas maneiras e formas diferenciadas de noticiar, gerar e receber informações, principalmente instigando os agentes envolvidos nos processos comunicacionais.

Os dois cursos têm a mesma grade curricular desde quando começaram a oferecer as primeiras turmas, em 2017. Em 2025, quando o Bacharelado em Jornalismo da UESPI passar a oferecer sua segunda matriz curricular, algumas disciplinas serão diferenciadas entre um campus e outro, dadas as características regionais e, também, o perfil de formação acadêmica de seus docentes. Tanto o currículo que estará em desuso quanto o novo tratam sobre inteligência artificial apenas uma vez, como destacado pela UESPI (2016), e três vezes, como destacado pela UESPI (2023), respectivamente.

No currículo que será desativado em breve (com a última turma a ser formada no segundo semestre de 2026), inteligência artificial faz parte do conteúdo da disciplina Tópicos Especiais em Jornalismo, oferecida no Sétimo Período. No currículo novo (que terá em 2025 sua segunda turma e teve sua turma inicial no segundo semestre de 2024), assuntos de I.A. aparecem na ementa da disciplina de Jornalismo de Dados, que no campus de Teresina será optativa e no campus de Picos será obrigatória. Uma evolução é que a inteligência artificial aparece como possibilidade de produto inovador nos trabalhos de conclusão de curso — TCCs — e ainda sobre as novas possibilidades de atuação mercadológica do profissional formado nos cursos.

⁷ Primeiro período: Comunicação e Língua Portuguesa (90h); Introdução à Comunicação (60h); Introdução à Pesquisa em Comunicação (60h); Sociologia Geral e da Comunicação (60h); Fundamentos da Filosofia (60h). Segundo período: História do Jornalismo (60h); Ética e Legislação em Jornalismo (60h); Realidade Política, Econômica e Cultural do Brasil e do Piauí (60h); Teoria da Comunicação I (60h); Antropologia e Jornalismo (60h). Terceiro período: Psicologia Aplicada à Comunicação (60h); Técnicas de Entrevista, Reportagem e Pesquisa em Comunicação (75h); Fotografia e Fotojornalismo (90h); Teoria da Comunicação II (60h); Jornalismo Digital e Plataformas Multimídia (90h). Quarto período: Redação, Produção e Edição para Mídias Impressas (90h); Economia e Teoria Política para a Comunicação (60h); Comunicação e Design Jornalístico (60h); Teorias do Jornalismo (60h); Crítica da Mídia (60h). Quinto período: Gestão e Empreendedorismo em Jornalismo (60h); Mídia Regional (60h); Radiojornalismo (60h); Produção e Edição em Radiojornalismo (90h); Assessoria de Imprensa e Comunicação Integrada (75h). Sexto período: Telejornalismo (60h); Produção e Edição em Telejornalismo (90h); Jornalismo Especializado (60h); Comunicação Comunitária (60h); Pesquisa Aplicada ao Jornalismo (90h). Sétimo período: Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I (150h); Tópicos Especiais em Jornalismo (60h); Comunicação Audiovisual (60h); Diálogos com o Mercado de Trabalho (60h); Estágio Supervisionado em Jornalismo (200h). Oitavo período: Estágio Supervisionado (200h); Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II (150h).

4 O processo de ensino e de aprendizagem com a utilização de inteligência artificial no Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – faces e interfaces de um debate e práticas necessárias

Era 2022 quando midatizou-se, quase de uma maneira viral, temáticas e materiais sobre a possibilidade de lincagem direta dos sistemas de inteligência artificial e o jornalismo. Antes, para a maioria das pessoas comuns, a temática de I.A. mais parecia vinda de roteiros de ficção científica, tão comuns contemporaneamente nos filmes e séries dos *streamings*. Praticamente o assunto era mais exclusivo dos adeptos das Ciências da Computação. O salto apresentado em 2022 reside, principalmente, na implantação de sistemas de inteligência artificial generativa.

A pandemia da Covid-19 que mudou quase que por completo nossas formas de interagir e vivenciar os sistemas digitais, inclusive de mediar a educação e os conteúdos. Os efeitos da pandemia da covid-19 ampliaram, de maneira positiva e, também, com consequências negativas, as interrelações com as redes e uma boa gama de pessoas teve de vivenciar mais pontos sociais por meio de dispositivos virtuais. Era o momento perfeito para testar sistemas de I.A. e implementá-los, ao menos no consumo de determinados produtos, já que os sistemas de I.A., desde a década passada, já faziam parte dos atendimentos eletrônicos via *chatbots*.

A pandemia acelerou muito o desenvolvimento dos sistemas de inteligência artificial, mas foi, certamente, o ChatGPT que gerou a maior revolução, igual ao Google na virada do século, que proporcionou a substituição das enciclopédias e nos trouxe um mundo de conexões e novos conhecimentos possíveis.

O estudo de caso em questão começou a ser pensado a partir do início de 2022, tendo seu início oficial em março daquele ano, culminando com o término dos trabalhos, ou, ao menos, do recorte para este artigo, em setembro de 2024. O recorte foi findado por conta da necessidade de sistematização de dados para este trabalho. Mas os trabalhos de campo e de reflexão continuam e a cada mês têm apresentado resultados interessantes, além da já naturalização de parte do alunado em querer debater a temática e ter uma constância de compartilhamento de materiais diretos, ou indiretos, sobre I.A. nos grupos de Whatsapp das turmas. Socializam-se artigos científicos, dicas de livros, teses, dissertações, reportagens e postagens em redes sociais.

Durante esses 30 meses, registrados em caderno de campo e, propositadamente não parados, mesmo em períodos de recessos e férias, foi possível enveredar por uma série de perspectivas, feitas em três grandes momentos: na cotidianidade do ensino (obrigatório), no ensino, mas em atividades extraclasse, e na pesquisa. As funções via trabalho de sala de aula, de caráter disciplinar e transdisciplinar e com a totalidade do alunado são feitas semanalmente

nos encontros das disciplinas. Todas elas, independentemente de sua carga-horária e ementa, têm momentos sobre impactos da inteligência artificial nas mediações, principalmente trazendo-se casos contemporâneos.

Já as funções via ensino, mas a partir de trabalhos fora de sala de aula, experimenta-se e procura-se realizar maiores sistematizações com o alunado disposto a compreender e evoluir mais conhecimentos com sistemas de inteligência artificial, feita com uma parte participante do alunado, que chegou, dependendo dos meses, entre 50% a 25% do total, ou seja, no mínimo com um quarto das turmas interessadas em saber e debater mais sobre inteligência artificial fora das aulas e o assunto tem sido recorrente, tanto que debates sobre I.A já são comuns.

Finalmente, na terceira função, com maiores exemplos empíricos, via pesquisa, tanto em iniciação científica, como em inovação tecnológica e ainda com TCCs — trabalhos de conclusão de curso de graduação —, gerando, inclusive no final desse recorte, uma cultura de procura pela temática e, também, pelo recorde quantitativo de trabalhos de finalização do curso, levando em conta temáticas relacionadas à inteligência artificial.

A turma que se formará em 2025 tem 20% de trabalhos finais (que já começaram a ser escutados) trabalhando questões de jornalismo e inteligência artificial. Na turma que terminará os estudos em 2024, esse número era de 5% e na turma que se formou em 2023 foram 4% de assuntos ligados à I.A. Assim como várias outras temáticas contemporâneas e de grande interesse, que terminaram por virar pesquisas e modificaram nossas rotinas no dia a dia de sala de aula, nos processos de ensino e de aprendizagem, a temática inteligência artificial e jornalismo veio de uma aluna ao provocar o debate enquanto fazia pesquisa de inovação tecnológica.

O assunto voltou à tona quando é ministrada a disciplina Tópicos Especiais em Jornalismo (no primeiro semestre letivo de 2022), que é para o alunado do sétimo período (penúltima etapa para formação dos jornalistas na UESPI). Essa disciplina, desde quando foi pensada, existe justamente para proporcionar ao alunado as inovações e temáticas contemporâneas a área. A inteligência artificial era uma delas. Frisa-se, mediante o que é citado no Projeto Pedagógico (2016) vigente no curso, é a única disciplina a proporcionar, até então, o debate sobre questões relacionadas à I.A.

A mesma temática passou a ser cobrada transversalmente fora do ambiente de sala de aula, principalmente de parte do alunado mais conectado e mais presente nas redações, ou seja, a inteligência artificial antes de chegar a um debate constante no dia a dia da universidade já era um fato empírico no próprio mercado, nos colocando em mais um desafio da área em que a academia precisa, com urgência, se não ser vanguarda, ao menos estar a par dos acontecimentos mercadológicos, até para poder entendê-los melhor para oferecer melhores respostas à

sociedade. Ao menos no Piauí, praticamente todas as redações já utilizam, e algumas até incentivam, ferramentas de inteligência artificial nos quatro processos de feitura de um material jornalístico: pauta, apuração, edição e veiculação. Principalmente nos três primeiros, o ChatGPT (mais famoso entre as I.As. é nitidamente utilizado).

Entre os assuntos disciplinares, que também têm em voga as intersecções do jornalismo com a internet das coisas, *metaverso*, cidadania, convergência, redes sociotécnicas, *blockchain*, 5G, robótica e pós-TV digital foram debatidos na disciplina. Notou-se, nessa experiência em sala de aula, uma maior presencialidade da turma, que já tinha essa experiência em outras disciplinas, além do bom desempenho de notas. Ou seja, as ferramentas educacionais e avaliativas tiveram bons resultados. Com a mesma turma e uma turma anterior, os resultados fora de sala de aula foram ainda maiores, principalmente na outra interface, que é a participação direta do alunado em momentos de grupos de discussão e debates nos corredores.

O assunto inteligência artificial, depois das possibilidades do 5G foram os preferidos entre os alunados e todo o material extraclasse foi plenamente consumido. Diga-se de passagem, também no grupo virtual havia uma constante colaboração do alunado em compartilhar conteúdos ligados à temática, mostrando e provando o interesse fora da sala de aula em questões de inteligência artificial. Na pesquisa surgiram os resultados qualitativos e quantitativos mais evidentes na experientiação etnográfica das questões de inteligência artificial no Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – campus Poeta Torquato Neto.

O primeiro grande resultado foi a realização de pesquisa de iniciação em inovação tecnológica, em que a aluna-bolsista foi a responsável por desenvolver um game sobre as questões de esclarecimento acerca de vacinação sobre a covid-19, um tema, que até a contemporaneidade mostra a importância das mediações informacionais. A aluna-bolsista desenvolveu o game totalmente com a ajuda de ferramentas de I.A., não só economizando R\$ 14.000,00 (valor orçado cobrado por um programador), mas como também pôde dar todo um encaminhamento com toque jornalístico ao material. Esse trabalho de pesquisa foi premiado estadualmente e nacionalmente. Outro game está em desenvolvimento, dessa vez direcionado para trabalhar esclarecimentos para as eleições municipais de 2024.

Pergunta-se, tanto nesses como em outros mecanismos, e, também, nas três interfaces atuais de debate e atuação, sobre as questões éticas da utilização de sistemas de I.A. Um ponto não tão positivo é que esses sistemas também já estão internalizados em uma parte do alunado, principalmente se é pedido algum trabalho de busca via sistemas de internet.

Uma das soluções é justamente trabalhar em avaliações escritas e presenciais, bem como, nas disciplinas e atividades que necessitem a utilização fora do ambiente universitário,

passa-se os trabalhos todos em sistemas de busca-plágio (que é outro caminho preocupante) e busca de textos com I.A. Notamos, em um primeiro momento, um quase abuso de utilização, simples de inteligência artificial no trabalho, mas, com esclarecimentos, os números tendem a diminuir. Até o término deste artigo, ainda existiam trabalhos, principalmente relacionados a TCCs, com indícios de inteligência artificial. Um dos debates causados por isso foi se é ético ou não a utilização do ChatGPT, por exemplo, para corrigir o português dos trabalhos, assim como o Word (editor de texto faz). A resposta é que não víamos aeticidades e que o aético está em tentar enganar e não em tentar melhorar um trabalho.

Outra resposta sobre aeticidades reside, principalmente, no informar o leitor ou consumidor da notícia ou trabalho científico de que alguns pontos do material tiveram ajuda de sistemas de I.A. Inclusive, os TCCs em questão, principalmente os que utilizam programação com ajuda dessas ferramentas, têm sido citados e compreendidos pelas bancas.

Nota-se que o maior desafio não é utilizar, mas convencer uma outra parte da academia que tem verdadeira ojeriza só em ouvir falar e discutir sobre I.A. Notamos, principalmente em postagens de redes e em conversas informais que não haverá aceitação de nenhuma inteligência artificial e que esses sistemas são mais uma moda, sendo que o jornalismo não precisa deles e muito menos o ensino de jornalismo.

Quem está certo?

Saindo do debate sobre certos e errados, evocamos a continuidade de, no mínimo, prestarmos atenção e estarmos interconectados com as novidades, pois, com ou sem a academia, as I.A.s continuarão a fazer parte de nossas vidas em um caminho sem volta.

5 Considerações

Por mais críticas que recebamos, destacamos que o assunto inteligência artificial deve ser cada vez mais debatido nos ambientes acadêmicos. O assunto faz parte de uma parcela considerável da população que, mesmo não sabendo, tem parte de sua vida conectada e mediada por sistemas de I.A, cada vez crescentes e prementes.

Sem o conhecimento da temática e, principalmente, de suas faces e interfaces, terminaremos sendo presas fáceis das BigTechs (grandes conglomerados de comunicação e de mediações informacionais, que tem tentáculos praticamente globais e são verdadeiras esfinges) que têm seus próprios sistemas de I.A. e suas precisões de cálculo e entendimento quase individualizado do consumo informacional de seus usuários, que liberam facilmente esse acesso, principalmente por não lerem os termos de usabilidade.

Academicamente falando, os desafios são iguais, principalmente na formação de novos jornalistas em uma visão de ação holística e de sua necessidade de conhecer o que acontece a seu redor e ao redor de outras pessoas para poderem mediar. Não sei se sou o responsável pelo fatalismo ou por uma diferente visão (o tempo dirá!), mas que esses assuntos, não só os tecnológicos, mas também os sociais, devem ser pautas constantes nas salas de aula e fora delas, instigando atividades de ensino, de aprendizagem, de pesquisa, de extensão, de gestão, trazendo o mercado para a academia e a academia para o mercado. Isso torna a sociedade mais presente e premente, principalmente porque não somos seres isolados na sociedade, mesmo que os dispositivos digitais estejam cada vez mais nos proporcionando a sensação de sermos e estarmos informados sobre tudo, mas, no fundo, não estamos interagindo com nada e ninguém, inclusive, com nós mesmos.

Uma consequência direta dos processos de ensino e aprendizagem no Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí foi o aumento do repertório de conhecimentos que gerou o incentivo à concorrência ao edital do Programa UESPITech (2023), em que o projeto para equipar o LIAJ — Laboratório de Inteligência Artificial em Jornalismo — foi implementado. Esse laboratório tem finalidade social e coletiva de proporcionar respostas e produtos sobre inteligência artificial e mediações informacionais, proporcionando equipamentos e estrutura para a realização de experimentações. Quatro delas estão em andamento e terminam condizendo com algo em que acreditamos muito: fazer acontecer. É preferível errarmos por termos tentado, a ficarmos no benefício da dúvida de não fazer nada.

Referências

BERTI, O. M. C. **ChatGPT: evolução ou fim do Jornalismo?** Teresina: EdUESPI, 2023.

BERTI, O. M. C. **Jornalismo e Inteligência Artificial.** Teresina: EdUESPI, 2024.

E-MEC. **Bacharelados em Jornalismo, modalidade presencial, atualmente funcionando no estado do Piauí.** Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec>. Acesso em: 30 mar. 2024.

FEILER, C. P. **Inteligência Artificial: entenda como chegamos ao ChatGPT.** Startse, 2023. Disponível em: <https://www.startse.com/artigos/inteligencia-artificial-historico/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

GOMES NETO, J. M. W.; ALBUQUERQUE, R. B.; SILVA, R. F. **Estudos de caso: manual para a pesquisa empírica qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2024.

HAUGELAND, J. **Artificial Intelligence: the very data.** New York: Bradford Book, 1989.

IBM. **O que é inteligência artificial?** Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/topics/artificial-intelligence>. Acesso em: 13 fev. 2024.

IOSCOTE, F. C. Jornalismo e Inteligência Artificial: tendências nas Pesquisas Brasileiras entre 2010 e 2020. **Revista Novos Olhares**, v. 10, n. 2, p. 162-182, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2021.188912>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/188912/180326>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SHIMABUKURO, I.; LIMA, L. Quais são os tipos de inteligência artificial? **Tecnoblog**, 2022. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/quais-sao-os-tipos-de-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 09 mar. 2024.

KURZWEIL, R. **A era das máquinas espirituais**. São Paulo: Aleph, 2007.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**: (understanding Media). São Paulo: Cultrix, 2012.

MELO, J. M. A comunicação serve para que? Prof. Marques de Melo e sua trajetória de jornalismo comunitário, resistência civil e comunicação para o desenvolvimento. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, n. 2, , p. 169-185, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-58442018210>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/gTqycmB7L9b3vcpHfnyQ5c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 mar. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Novas diretrizes curriculares nacionais para o Curso de Jornalismo**. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

OLIVEIRA, F. **História da Inteligência Artificial (IA)**. Disponível em: <https://tinbot.com.br/blog/historia-da-inteligencia-artificial-ia/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

PRADO, J. A inteligência artificial é mais antiga do que você imagina. **Tecnoblog**, 2023. Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/inteligencia-artificial-historia-dilemas/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SILVA, F. O.; PAULINO, R. C. R.; IJUIM, J. K. Uma reflexão sobre a produção de conhecimento no Jornalismo no contexto da Inteligência Artificial Generativa. **Revista Asas da Palavra**, v. 21, n. 1, p. 151-174, 2024. Disponível em: <https://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/177>. Acesso em: 07 fev. 2025.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Novo Projeto Pedagógico do Bacharelado em Jornalismo**. Teresina: UESPI, 2023.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **PROP**: Edital de Incentivo à Inovação e à Pesquisa Científica e Tecnológica no Piauí. 2023. Disponível em: <https://uespi.br/prop-edital-de-incentivo-a-inovacao-e-a-pesquisa-cientifica-e-tecnologica-no-piaui/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Bacharelado em Jornalismo**. Teresina: UESPI, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. São Paulo: Bookman, 2014.

Data de submissão: 29 de setembro de 2024

Data de aceite: 16 de dezembro de 2024